

Do deserto ao des-ser

Maria Teresa Maiocchi (Milão, Itália)

É o passe homólogo ao fim da análise? Que articulação é possível entre as duas garantias, AE e AME?

"Nesse des-ser revela-se o inessencial do sujeito suposto saber, donde o futuro psicanalista entrega-se ao agalma da essência do desejo, disposto a pagar por ele em se reduzindo, ele e seu nome, ao significante qualquer.

Porque ele rejeitou o ser que não sabia a causa de sua fantasia no exato momento em que, finalmente, esse saber suposto, ele passa a sê-lo."

J. Lacan, Proposição de 9 de outubro de 1967.

"Naturalmente, esse saber ainda nem foi para o forno. Porque é preciso inventá-lo."

J. Lacan, Nota italiana, 1973

O neologismo lacaniano des-ser[2] sempre me surpreendeu, inclusive por sua qualidade de anagrama em relação a "deserto". Se "o exílio ao deserto de gozo" [1] é um nome da estrutura enquanto transponível, que lugar toma aí o desejo de ser - des-ser - , suporte da operação? Um lugar complementar ou efetivamente suplementar?

O deserto do fim dos anos 60, o exílio da relação sexual de Mais, ainda... É possível - esse esvaziamento - ser traduzido em termos de destituição subjetiva? Esse conceito me parece formar quase um hapax no texto lacaniano, forte nos escritos em torno do passe, final de 67, e ainda mais interessante porque parece condensar em sua forma (mesmo etimologicamente) o que vai perder um lugar enquanto instituído pelo Outro [2] (evidente no laço de de-stituere com stare, em que é forma causativa). O declínio desse statuere é o declínio do Outro enquanto garantia do lugar do sujeito. Aliás, mesmo deserto - do latim deserere - fala de um abandono, de um esvaziamento, que tem a ver com a série, a grinalda (serto em italiano), e o sermão, assim como a sorte, do tema indoeuropeu de ser, alinhar, trançar : o que cessa de ser entrelaçado, trançado, que suporta, portanto, a cessação, o corte, o descarte de uma ordem colocada por uma primitiva função humanizante, operada por uma mão ordenadora (serere enquanto que alinhar, dispor, amarrar), portanto o que vem des-situado de uma ordem propriamente humana, regressão tópica a um momento no qual a ordem, a distinção, a sucessão regrada, continuidade-descontinuidade-intervalo, foi instituída pela boa disposição do Outro, seu campo. Inacreditável o que pode engajar a simples marca de uma linha como diferencial! Ver a esteira hipergeométrica de Odisséia 2001. Mesmo a Bíblia (Isaias, 62,4) atribui essa desertificação ao que não mais se terá a dizer da bela esposa, Jerusalém, que nunca mais será dita azuvah, abandonada, palavra empregada também como sinônimo de deserto, de vazio, emprestada provavelmente do assírio ezevu - cessar, abandonar - ou do árabe azaba, que significa diretamente terra deserta. Será o signo - desta vez - de que a trama potente de Deus ordenará e trançará na eskaton o inesperado do mau encontro. Azav está para religar mesmo as últimas palavras de Cristo sobre a cruz: neste caso, é diretamente o Pai que provoca esse abandono, essa destituição radical, esse fora do comum.

Ponto limite da experiência, destituição, deserto, esvaziamento, é o Outro que retira o espelho de seus olhos jorantes de gozos. Esse deserto do Outro marca um limite da experiência que se encontra, às vezes, de veia, por assim dizer, em certas experiências

da arte, por exemplo. Mas a análise é o único discurso que traz esse abandono a seu justo limite. "O psicanalisante - nos diz Lacan, seguindo passagens que me parecem sempre de uma complexidade particular - é aquele que chega a realizar como alienação o seu «eu penso», isto é, a descobrir a fantasia como motor da realidade psíquica, a do sujeito dividido" [3] E também: "É por isso que digo que é no (-?) ou neste (a) que aparece seu ser. O ser do agalma, do sujeito suposto saber, acaba o processo do psicanalisante em uma destituição subjetiva. [4]

E então, fim ? Fim da transferência, análise a termo, travessia do deserto cumprida...? "Bem-vindo ao deserto do real", diz um Morfeu muito lacaniano. Escolher a pílula, essa analytically correct, e hop ...! Os jogos são fatos? É aí que o desejo do psicanalista se amarra? Parece-me, ao contrário, que a Proposição e mesmo as conferências "italianas", que a seguem de alguns dias, quando se vê bem, estão centradas exatamente sobre a questão que coloca à instituição como tal, uma contingência originária do ato que propriamente separa as duas dimensões: o fim, onde o sujeito se encontra destituído, desertificado em sua relação à fantasia ... e esta aposta, passagem particular e inconcebível, que se chama desejo do analista, desejo estranho, que, - a um "momento original" da experiência -, visa a um des-ser: "É o momento mesmo de saber se na destituição do sujeito o desejo advém que permite ocupar o lugar do des-ser, justamente por querer operar de novo, o que implica separação (com a ambiguidade do se parere ...) o agalma."[5] E em um momento mais tarde, sempre no outono de 67, "O analista, portanto, deve saber que, longe de ser a medida da realidade, ele só faculta ao sujeito sua verdade ao se oferecer, ele mesmo, como suporte do des-ser graças ao qual esse sujeito subsiste numa realidade alienada, sem nem por isso ser incapaz de se pensar como dividido, do que o analista é propriamente a causa".[6] De resto, são muitas as observações como esta, nesta virada crucial .

Verificar esta passagem a analista vem de um "testemunho eventual" e o dispositivo é a oferta "de um giro a mais na dobradura que nos permite engendrar aí o desejo do psicanalista" [7] Suplemento eu disse no início. Algo ad-vém, se acrescenta, ex novo. Mas o que vai muito além dessa espécie de destituição à maneira de Freud, muito pouco ...consistente, esse neue Zustand onde Freud fala a respeito da "diferença essencial entre o homem analisado e o não analisado" (1937).

Em um certo sentido - nos textos lacanianos que cotejamos para nos referir sobre este ponto - é o deserto da destituição que, paradoxalmente, coloca o problema, pois este ponto crucial não suporta em si a passagem, não é por esta condição - necessária, mas não suficiente - que se obtém, neste mesmo lugar, o peixe do desejo inédito. É daí que é preciso o testemunho e um congênere. A estrutura não o implica, ainda que possa dar lugar em S(A/). Vê-se muito bem na Nota italiana, segundo um certo viés polêmico: "Articulo agora as coisas para as pessoas que me ouvem. Existe o objeto (a). Ele existe agora, por eu o haver construído. Suponho que se conheçam suas quatro substâncias episódicas, que se saiba para que ele serve, por se envolver da pulsão pela qual cada um se mira no coração e só chega lá com um tiro que erra o alvo. Isso serve de esteio às realizações mais eficazes, bem como às realidades mais cativantes. Se isso é fruto da análise, devolvam o referido sujeito a seus diletos estudos. Ele enfeitará com uns bibelôs suplementares o patrimônio que se supõe provocar o bom humor de Deus.

[...] Que ele não se autorize ser analista, porque nunca terá tempo de contribuir para o saber, sem o que não há chance de que a análise continue a dar dividendos no mercado... "[8]

Vou concluir sublinhando uma passagem do Discurso na Escola freudiana de Paris, relativo às reações à Proposição, nem todas entusiásticas ...: "O que ele não pode poupar-lhe é o des-ser com que ele é afetado como término a ser atribuído a cada psicanálise, e que me espanta reencontrar em tantas bocas desde minha proposição, como que atribuindo àquele que inflige o golpe, por estar, no passe, conotando unicamente uma destituição subjetiva: o psicanalisante.[...] aquilo de que se trata é de fazer com que se entenda que não é ela que faz des-ser, antes ser, singularmente e forte." [9]

Coloco, portanto, uma questão quanto a esta superposição imediatamente evidente, que me parece sintomática, e que parece proteger - podemos encontrá-la no final do mesmo texto - do horror do ato que faz nossa `desêtrificação`[3], se assim posso dizer. Como pensar nossa prática da Escola, podendo contar somente com o fato de que, para cada um, vale este "impossível de intercambiar"[10], que "Psicanalista, eu o des-sou"... Ou seja, o que a torna tal e qual, é um impossível em exercício ?

[1] LACAN, J. A psicanálise em suas relações com a realidade in Outros escritos, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pág.357.

[2]O Trésor coloca dois exemplos significativos de "destituer": uma passagem de La femme pauvre de Léon Bloy: "A profissão de modelo, [...] destitui a mulher, completamente, e a exila de sua personalidade, para relegá-la nos limbos da mais tenebrosa inconsciência". E uma outra de Claudel (7e jour) : "Eu vos rendo graças, ó céu, porque acolhestes minha prece, eu que sou, tal como um órfão e um homem destituído".

[3] A psicanálise em suas relações com a realidade, in Outros, escritos, op.cit., p. 358.

[4]Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967, in Outros escritos, op.cit.

[5] Ibid.

[6]Lacan, J. A psicanálise em suas relações com a realidade, op.cit., pag. 59.

[7]Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967, in Outros escritos, op.cit.

[8]Lacan, J. Nota italiana (1973), in Outros Escritos,op.cit., pag. 314.

[9]Lacan, J. Discurso na Escola freudiana de Paris, in Outros Escritos, op.cit.,pag. 278.

[10]Lacan, J. A psicanálise em suas relações com a realidade, op.cit., pag. 358.

Tradução de Denise Maria de Oliveira Lima